

Stadium

N.º 172 — 20 de Março de 1946 — Esc. 2\$00



O GRUPO DE HONRA DO BOAVISTA



No 1.º plano, da esquerda: Zeca, Lusía, Biri, Caiado e Barros



FLECHA

A Bicicleta da Actualidade

A ILUMINANTE

STAND FLECHA

Largo do Intendente — LISBOA

Stadium

N.º 172 ★ 20 DE MARÇO DE 1946 ★ PREÇO 2\$00

Barrigana é um guarda-redes seguro. Contra o Atlético demonstrou-o mais uma vez, como pode verificar-se nesta fase. Marques não conseguirá tirar-lhe a bola



Vitória justa do ATLÉTICO sobre o PORTO



O desfeito Atlético-Porto, na Tapadinha, não se transformou em pleito futebolístico de qualidade! E, no entanto, as equipas poderiam ter realizado uma bela partida, até por que as qualidades de uma e de outra se harmonizam. E' certo que o Atlético mantinha um vivo desejo de revanche, e isso talvez tenha influenciado o seu trabalho. Já do Futebol Clube do Porto não se pode dizer o mesmo. O campeão do Norte em aquela posição que, nem carne nem peixe, e portanto as suas deslocações podem ter o ar da tranquilidade. Apenas o amor-próprio estremece!

Por elementar dever, temos a obrigação de dar às coisas o seu devido nome. Pão, pão-queijo, queijo. O Porto deu-nos um nível tão inferior de futebol — que não pode deixar de nos preocupar. Nós, que queremos um grupo forte e valoroso no Norte, capaz de continuar a velha rivalidade entre o Porto e Lisboa, uma das razões do progresso interno.

O somatório dá-nos uma defesa fraca, que se desfez ao primeiro sopro, uma linha média trabalhadora e por vezes eficaz, e um ataque sem ligação e pouco disposto a lutar. Ora, isto é que impressiona! Tal ataque é constituído por unidades que não são vulgares, e, no entanto, vista a linha à luz do trabalho produzido, não há uma razão de alegria. Tudo nos aparece escuro!

O Atlético não jogou bem, pois a sua linha da frente não conseguiu estar à altura dos outros sectores. Caso contrário, com as facilidades que lhe foram dadas, a tradução prática nas balizas seria maior. O ponto forte da equipa constitui na célula do meio, impressionante de esforço e vigor, acorrendo a todos os lados, cobrindo a defesa e pensando no ataque. Deste modo, aceita-se e justifica-se a vitória do Atlético pela diferença de uma bola e do mal o menos para o Porto. Uma arbitragem infeliz, hesitante e desequilibrada esteve em correspondência com o futebol desenvolvido na Tapadinha.

Atlético: Correia, Baptista, Castro, Rosario, José Lopes, Francisco Lopes, Micael, Oscar Gregório, Marques e Manuel da Costa.

Porto: — Barrigana, Alfredo, Camilo, Anjos, Romão, Octaviano, Freitas, Araujo, Correia Dias, Gomes da Costa e Joaquim.



Correia lança-se com decisão, para evitar um remate de Correia Dias



Uma boa devolução de Camilo. Micael renuncia claramente ao ataque



Curiosa atitude de Barrigana, apertado por Gregório. O guarda-redes portuense defenderá com êxito



Intervenção segura de Correia. Vê-se perto dele Joaquim, e Correia Dias à distância

O Olhanense deixou o rasto

dos que marcham no caminho do título

Uma síntese elucidativa dos seis encontros do 14.º dia

CRÓNICA DE TAVARES DA SILVA



ESTA disputada a jornada com o número 14, tendo sido apurados os resultados que a seguir publicamos. A sua simples leitura já representa uma

indicação. Atenção aos números conquistados pelos clubes que se encontram à cabeça, na posição de favoritos.

Allético	2	—	Porto	1
Benfica	7	—	Académica ..	1
Boavista	1	—	Belenenses ..	4
Oliveirense ..	1	—	Sporting	4
Vitória (Set.)	3	—	Olhanense ..	2
Vitória (Guim)	5	—	Elvas	0

Na visão do conjunto não se poderá afirmar que esta jornada tenha decepcionado por completo. Poderia na verdade ter dado melhor média de jogo, e interessar um pouco mais. Mas também não devemos ser demasiado exigentes. Vamos já numa altura da época adiantada, e justificam-se os abaixamentos de forma. Os *leões* estão sujeitos a várias causas, entre as quais a lesão e o cansaço, que dão ao seu comportamento altos e baixos. A competição é muito dura!

O 14.º dia resolveu definitivamente um aspecto da questão, aquele que respeitava à guerra aberta do Olhanense aos clubes de Lisboa. Já não há dúvidas agora! Os algarvios escorregaram em Setúbal, no campo dos Arcos, de modo que o título fugiu-lhes para todo o sempre. As derradeiras esperanças algarvias morreram na cidade de Setúbal.

O Vitória apresentou nos Arcos a seguinte formação: Acácio, Montês, Armando, Pereira, Figueiredo, Pacheco, Passos, Campos, Rendas, Cardoso Pereira e Carlos Santos.

Tendo o Olhanense alinhado com Abraão, Rodrigues, Nunes, João dos Santos, Grazina, Loulé, Moreira, João da Palma, Cabrita, Salvador e Palmeiro. Árbitro: Santos Marques, de Lisboa.

Cabrita reapareceu. Mas a verdade é que ele não foi o que deveria ser, um chefe de ataque. Faltou-lhe visão em vários lances, e não satisfaz também no ponto de vista de colaboração. Os algarvios, quando os setubalenses reagiram, dando velocidade à partida e desmarcando-se com precisão, desorientaram-se um pouco. Desta maneira, na segunda parte, os setubalenses puderam construir o triunfo. Para isso, não precisaram de tenacidade na invasão. Jogo aberto, e decisão em frente das balizas!

O problema do título subsiste, porém. Estão nele empenhados os três maiores de Lisboa, Ben-

fica, Belenenses e Sporting. Dos três, os *leões* parecem ser os menos apetrechados. Mas isso não quer dizer nada. Num repente, tudo muda. E as posições alteram-se. O sinal mais transformar-se-á em menos, e vice-versa.

Sem dúvida, isto dá um particular encanto à competição. O Benfica marcha confiadamente, e, apesar de ter muitos espinhos na sua frente, o grupo encontra-se em estado de resistir e triunfar. A sua participação vai deixando vítimas no caminho. A Académica apresentou-se no Campo Grande, com Jacques, Albino, Mário Reis, Lomba, Brás, António Maria, Melo, Azevedo, Garção, Tabora e Lemos, mas não pôde resistir.

O Benfica alinhou: Martins, Cerqueira, Artur Teixeira, Jacinto, Moreira, Francisco Ferreira, Mário Rui, Arsénio, Espírito Santo, Júlio e Rogério. Árbitro: Paulo de Oliveira, de Santarém.

Os *encarnados* jogaram menos do que nos últimos encontros. De resto, torna-se necessário desejar energias, e o Benfica não se deixa ir atrás de foguetes. Sabe que terá ainda de arrancar alguns dentes. No entanto, a equipa jogou em toada de ataque, ao contrário do seu adversário — que pensou mais em destruir do que em construir. Compreende-se. A Académica sabia perfeitamente que não podia ganhar, e a sua aspiração limitava-se a fazer boa figura.

Nos primeiros minutos e no decorrer da primeira parte, o grupo de Coimbra não deixou de



Correia segura aos pés de Correia Dias

ameaçar, destacando-se esse magnífico elemento que se chama Eduardo Lemos. Mas depois, no segundo tempo, o Benfica encontrou o caminho das redes, e tudo passou a ser fácil. Ainda por cima, o guarda-redes de Coimbra (Jacques) tornou a vitória do seu valoroso adversário ainda mais simples...

Isto não quer dizer que o Benfica tenha a partida ganha. O Belenenses continua com probabilidades sérias, e tudo depende das forças postas em equação na última arrancada.

Os *azuis* acautelaram devidamente a sua deslocação ao Porto, alinhando com Sérgio, Vasco, Fel-

ciano, Amaro, Gomes, Serafim, Armando, Quaresma, Andrade, José Pedro e Rafael.

Boavista: Mota, Pina, Francisco Silva, Garcia, Raimundo, Chaves, Zeca, Sousa, Gonçalves, Caiado e Barros.

Árbitro: José Teixeira, de Braga.

O Belenenses forçou o jogo apenas o necessário para se garantir. Futebol com sentido prático. Nada de jogadas fantásticas, como de outras vezes. O certo é que o seu novo avançado-centro está destinado a desempenhar um magnífico papel na equipa. E de aqueles que marcam *goals*, e a espécie é rara no futebol português.

Por sinal, o Boavista não realizou exibição que mereça destaque.



Lute no centro do terreno

Acentua-se o entorpecimento global do grupo. Os seus elementos não resistem, fisicamente. Quando os *boavistas* puseram a bola no chão, forneceram as melhores imagens. Arrependem-se porém cedo, voltando ao futebol de corridas desordenadas, sem precisão. Jogo de trolpe, e o futebol morreu aos poucos...

Se o Belenenses representa a maior ameaça para o Benfica, o Sporting também não jogou a sua última cartada. Dois pontos, somente, de diferença, abrem as portas do sonho e da aspiração, aliás, legítima! Os *leões* formaram em Oliveira de Azeméis os seguintes jogadores: Azevedo, Cardoso, Manuel Marques, António Marques, Barros, Veríssimo, Jesus Correia, Pacheco Nobre, Peyroteo, João Cruz e Albano.

Alinhando o Oliveirense com Teixeira, M. Oliveira, Joaquim, Adelino, Pinho, Eurico, Aníbal, João Tavares, Santos, Alípio e Domingos.

Árbitro: Correia da Costa, do Porto.

O jogo foi disputado com muita energia, de parte a parte. Principalmente enquanto o Oliveirense pôde suportar o ritmo do futebol leonino, vivo e rápido. Porque os grupos integrados por jogadores que se desmarcam bem, caso dos lisboetas, obrigam o adversário a maior dispêndio de energias. No *association* importa que cada elemento saiba onde deve estar, no momento preciso em que lhe cumpre entrar em acção. Na segunda parte, com um adversário já um pouco extenuado, os sportingistas apertaram e conseguiram três bolas em seis minutos. Dá por diante, o Oliveirense não podia ter veleidades. Não as tendo, ainda lutou com admirável energia.

O Sporting, como dissemos, não está arredado do título, mas as suas probabilidades de triunfo

são menores da que as dos outros dois categorizados lisboetas. É curioso como, a mais de meio da época, o Sporting parece ainda não ter encontrado o seu alinhamento lógico.

Os encontros em que intervêm clubes que não aspiram ao título também oferecem certo interesse. Nestas circunstâncias encontra-se o desafio de Guimarães.

O Vitória local alinhou: Machado, Curado, João, Luciano, Garcia, José Maria, Franklim, Brioso, Alexandre, Alcino e Miguel.

O Elvas deslocou-se com Semedo, Marcelino, Mariano, Rebelo, Rana, Fernandes, Morais, Massano, Vega, Aleixo e Joaquim. Árbitro: César de Jesus, do Porto.

Os elvenses tiveram a desfortuna de encontrar um Vitória em dia grande, de jogo combinado e ao mesmo tempo eficiente, num andamento rápido e desconcertante. Na verdade, os elvenses, desmoteados, perderam o sítio. Andavam numa roda viva, tendo dificuldade em encontrar a bola...

A linha média de Guimarães, numa grande tarde, cortava cerce e a fundo todas as tentativas de infiltração por parte do adversário. E não se limitava a tarefa defensiva, pois conseguia desenvolver as jogadas de modo a transformar a defesa em ataque. Como em geral acontece, a velocidade foi abrandonada à medida que o encontro se gastava.

Noutro lugar fazemos referência ao jogo da Tapadinha, entre o Atlético e o Porto, que completou a jornada, dando-nos ainda, em determinados locais, um futebol duro, em vulcão. Andrade, o dianteiro elvense, não calçará as botas, pelo menos, durante dois domingos, e temos notícias de outras lesões, embora menos graves.

A classificação geral está ordenada da seguinte forma:

Benfica 23 pontos (53-20 em bolas); Belenenses 22 (43-17); Sporting 21 (45-19); Olhanense 19 (48-22); Atlético 16 (23-36); Porto 14 (41-30); Vitória Setubal 14 (31-34); Elvas 11 (27-49); Vitória Guimarães 10 (28-36); Boavista 8 (27-46); Académica 7 (24-50), e Oliveirense 3 pontos (13-42 em bolas).

Acentua-se a fatalidade do Oliveirense, o último e já condenado à descida. Boavista e Académica, em má forma, estão arriscados a ficarem no penúltimo posto. No entanto, Vitória de Guimarães e Sport Lisboa e Elvas ainda não conseguiram afastar a nuvem para longe. O campeonato nacional continua a manter vários problemas em suspenso.

Ginastas
portugueses
em Espanha

NÃO é esta a primeira vez que se fala na visita dos ginastas portugueses a Espanha, nem são as actualmente em curso as primeiras negociações entabuladas para tal fim; mas nunca, como agora, o empenhimento esteve tão bem encaminhado e tão próximo da realidade.

Há pouco mais ou menos dois meses veio a Lisboa o professor Schwartz, que desempenha funções no Conselho Técnico da Federação Espanhola de Ginástica, encarregado por esta entidade de diligenciar a vinda a Lisboa de ginastas espanhóis e a retribuição da visita por parte dos organismos especializados portugueses, que iriam participar num grande sarau ginástico em Madrid.

As diligências encontraram ambiente favorável e o projecto foi aprovado superiormente, consultando com a nota de aprovação entre os assuntos tratados na última reunião da Comissão Permanente de Intercâmbio Luso-Espanhol. Tudo parecia assim resolvido, mas o tempo passou sem nada adiantar às negociações iniciais, cujo acolhimento fora entusiástico, mas se enquistara no aplauso teórico, sem qualquer manifestação activa de franco desejo de solução prática.

Na falta de federação nacional que cuide destes assuntos de carácter internacional, chamou a si a Direcção Geral de Educação Física e Desportos o papel de entidade intermediária e fiscalizadora, delegando nos clubes interessados a organização dos festivais e o acordo sobre as condições convenientes. Parece que os nossos três grandes institutos de ginástica, Ginásio Clube Português, Ateneu Comercial de Lisboa e Lisboa Ginásio Clube, acordaram agir em comum, associando os seus recursos na dupla organização, que fica por esta forma com as mais seguras garantias de êxito.

Que magnífico programa não poderá ser elaborado reunindo os elementos destas colectividades, tanto em ginástica artística, como educativa.

O projecto de organização deste sarau ginástico clubista não é, aliás, a única manifestação de apreço verificada por parte dos organismos superiores que governam a ginástica espanhola, pois um outro convite foi dirigido também ao Instituto Nacional de Educação Física para a apresentação das suas classes em Madrid.

Se todos estes projectos se tornassem em realidade estaria de parabéns a educação física portuguesa e teríamos alcançado um triunfo de incomparavelmente mais ampla projecção do que a resultante de qualquer vitória — a mais significativa — no campo desportivo.

A Federação
Internacional
de Andebol

O andebol era regido internacionalmente por uma federação instalada na Alemanha e que desapareceu no turbilhão da guerra.

A situação que de aqui resultou, praticamente significando a dispersão e isolamento dos países onde a modalidade é praticada, foi ponderada pelos dirigentes de algumas nações, que reconheceram a necessidade urgente de remediar o caso, reorganizando a desaparecida entidade internacional.

Pode até divulgar-se sem inconfidência que a Federação Portuguesa de Andebol tinha bastante adiantados os estudos sobre a viabilidade de celebrar em Lisboa a reunião dos representantes de todas as federações europeias e americanas congêneres, para reorganização da perdida federação internacional. O assunto fora apresentado à Direcção Geral dos Desportos, que o acolheu com a maior simpatia, prometendo todo o seu apoio para tornar realidade tão prestigioso empenhimento, que traria para o desporto português uma posição de realce, excelente meio de propaganda.

Infelizmente, houve quem andasse mais depressa do que nós, e chegou há dias a Lisboa um convite da Federação francesa para idêntica reunião, a efectuar em Paris. Tornando assim impossível um projecto que honra os dirigentes que o delinearam, que ao menos se não perca tudo e não falte no anunciado congresso um representante de Portugal que saiba marcar a posição a que podemos aspirar pelo desenvolvimento e classe que a modalidade adquiriu no nosso país, conquistando para a federação nacional um lugar no Conselho dirigente do futuro organismo máximo.

Mais importante seria ainda conseguir a participação do grupo nacional português no torneio que a França se propõe realizar simultaneamente ao congresso, com a presença dos grupos representativos francês, belga, holandês e luxemburguês. Talvez uma diligência imediata do organismo federativo lusitano junto dos organizadores, conseguisse que acrescentassem à lista estabelecida o nome de Portugal.

Os dirigentes da Federação Portuguesa, cuja obra construtiva e disciplinadora os avaliza ante a opinião pública, estão cuidando, com o maior empenho, da solução satisfatória de todos os problemas relacionados com a próxima reunião de Paris; a missão está bem entregue e não faltará por certo, aos que a desempenham assim dedicadamente, o auxílio e colaboração de quantos possam contribuir para seu êxito.

Ainda não está absolutamente decidido, quando escrevemos. Ao que parece, porém, não haverá deslizes do Campeonato Nacional de futebol no próximo domingo.

A data será aproveitada para um encontro de futebol de inegável interesse. Veremos novamente, no Estádio Nacional, jogadores ingleses em frente de futebolistas portugueses, o *team* da «Home Fleet» e uma selecção portuguesa, constituída pelos nossos melhores jogadores, exceptuando os internacionais.

Parece-nos escusado pôr em relevo a importância que o desfecho oferece — tão vincadamente ele se apresenta. Há elementos que têm oportunidade, deste modo, de mostrarem o seu valor intrínseco, em prova inofensível.

O grupo de «Home Fleet», com fama na Inglaterra, é constituído por jogadores de qualidade, que também jogam em clubes famosos daquele país, vindo a sua maioria, de avião, propositalmente, para tomar parte no grande encontro, no Estádio Nacional, em homenagem à heróica Marinha da Inglaterra!

BASQUETEBOL

Boa exibição

entre o Belenenses e o Porto

NA última sessão de basquete, efectuada em Lisboa, podemos assistir a um admirável jogo a contar para o campeonato nacional, entre o Belenenses e o F. C. do Porto. Os campeões de Lisboa e de Portugal venceram por 46-36, mas o resultado é expressivo em relação ao valor demonstrado pelo segundo classificando portuense.

O F. C. do Porto, justo é dizer-lo, possui uma boa equipa de basquete. Alguns dos seus jogadores, como Pires, Veiga e Garcia, são do melhor. E o conjunto nada fica a dever ao dos melhores agrupamentos nacionais.

O jogo agradável. Do melhor que esta época se tem visto. Os espectadores estiveram divididos nos seus aplausos. O Porto, na verdade, é um clube com público na capital.

No Porto, o Vasco da Gama venceu o Combricense por 56-22. Resultado expressivo. E, naturalmente, superioridade indiscutível dos campeões do Porto.

Também o Benfica obteve uma excelente vitória, derrotando o Atlético por 33-17. O «grupo encarnado» tem admiráveis possibilidades, e veremos isso no decorrer do campeonato nacional.

Por agora, o Benfica e o Belenenses estão na vanguarda. Mas o campeonato, praticamente, está na segunda jornada.

Biblioteca da "Stadium"

Continuamos hoje a publicação de «Biografias Desportivas» em separatas.

Federação Portuguesa de Atletismo fez correr no domingo, nos terrenos circundantes dos campos de treino do Estádio Nacional, o campeonato nacional de juniores da prova de corta-mato.

A corrida teve presente número interessante de corredores, sendo digna de realce a participação dos campeões nortenhos do Futebol Clube do Porto, ainda que o seu comportamento, sobretudo o de Leonel Silva, há oito dias vencedor do título regional dos seniores, tenha causado grande desilusão.

Queixaram-se os portuenses, com inteira razão, do encurtamento do percurso, o qual fora anunciado para cinco quilómetros e com certeza não ultrapassou os quatro; a queixa é justificada, mas não nos parece que o erro dos organizadores haja influído na classificação dos representantes do Norte, que foram literalmente sufocados pela velocidade inicial impressa pelos rapazes do Benfica.

E, no entanto, muito lamentável que o Conselho Técnico da Federação não tenha dispensado a devida atenção ao cálculo da distância do trajecto, cometendo enorme e indesculpável erro; a incuria verificada é tanto mais merecedora de crítica, quanto podemos afirmar que os federativos tinham ao alcance da mão o meio seguro (uma carta do local) de verificar os seus cálculos, e não se dignaram fazê-lo.

Que sucederia amanhã se ficasse demonstrado que a corrida da légua em pista no campeonato nacional ficara reduzida, por engano na contagem das voltas, a quatro milhares de metros? Naturalmente seria anulada. Pois o mesmo devia ser feito em relação a este corta-mato nacional; já estamos a tempo de abolir a improvisação das nossas organizações de atletismo.

Outro reparo a fazer àqueles concorrentes que não se apresentaram a tempo devido no ponto de partida, obrigando dirigentes e adversários a esperar bastante além da hora marcada. Note-se que estes culpados, os homens do Sporting, foram as primeiras vítimas do seu procedimento, pois se viram privados do seu melhor elemento em consequência de um acidente material proveniente da precipitação no equipamento: Fernando Carvalho, ao cabo da volta inicial na pista de treino, foi forçado a parar porque um sapato lhe caiu do pé; perdeu pelo menos 300 metros sobre os competidores e foi obrigado a prosseguir em palmilhas de meias.

Oliveira e Silva ganhou como um campeão; comandou toda a prova e entrou distanciado na meta. Depois do vencedor, o homem que melhor nos impressionou foi Fernando Carvalho, que teria sido o único a poder apontear Oliveira se não fora o lamentável acidente atrás referido. Tem muito bom estofo, este rapaz, que é um modesto trabalhador rural, com dificuldades na preparação e ainda nenhuns conhecimentos da arte de correr.

José de Eça

ESPIRITO SANTO mantém conversa animada...

COM 16 anos de idade abalava de Luanda um rapaz pleno de energia e de força de vontade. Vinha para a metrópole — rumo a Lisboa — onde nasceu e de onde saíra 8 anos antes. Era Guilherme Espirito Santo. Animava-o a ideia de completar o curso comercial e, logo após, ampliar esses conhecimentos.

Quando o barco acostasse ao cais, o rapaz sairia confundido com a multidão, se não fosse...

Mas o rapaz de 16 anos estava recomendado como excelente jogador de futebol.

O Sport Lisboa e Luanda chamara a atenção do Sport L. e Benfica. «Aproveitem-no. Vai aí um grande jogador da bola!» Não se enganaram. Era mesmo assim. Pouco demorou que a multidão da bola delirasse com as exhibições da «pérola negra».

Estreou-se na segunda categoria e logo no jogo seguinte alinhou na reserva. Decorria o torneio de Lisboa. Mas, no começo do campeonato das Ligas, Espirito Santo ingressava no team de honra do popular clube. Estava feita a prova. Triunfava.

E todos nós temos seguido a carreira brilhante de Espirito Santo — um dos nossos grandes habilidosos da bola. Conquistou também triunfos no campo do atletismo. O destino, porém, não deixou dar

continuidade a essa carreira de glória desportiva. De súbito, a doença veio quebrar esse ritmo e Espirito Santo abandonou os campos de jogo. Com que saudade! E com que alegria, mais tarde, ele nos deu oficialmente a notícia de que iria reaparecer. O mal, felizmente, passara — para não voltar mais!

O seu regresso foi aplaudido, mas a sua estrela tardava em brilhar. Espirito Santo nunca desanimou, porém. Grande entusiasta do desporto, e especialmente do futebol, continua trabalhando a sua preparação. E venceu mais uma vez. Espirito Santo voltou a figurar no primeiro plano do futebol lisboeta. A beleza das suas jogadas, os seus «passes» inteligentes e os seus chutes perigosos e potentes voltaram a aflorar à boca das redes dos grupos adversários.

Portanto, era a altura de falarmos com Espirito Santo. Fomos-lhe dar um abraço. E ele, que é uma simpatia, que é amável e bom conversador, acolheu com um sorriso a nossa primeira pergunta.

— Quais as causas que originaram a forma que alegremente todos nós verificamos?

— O ter encontrado, finalmente, as minhas boas condições físicas. Sem elas, nenhuma das nossas qualidades pode aparecer no jogo. Actualmente, mercê de um grande cuidado, de uma preparação contínua e atenta, sinto-me esplêndido, e capaz de dar o rendimento que as minhas faculdades antigas permitiam. Note com satisfação que posso dar toda a minha energia, distribuí-la pelos 90 minutos, começar e acabar em pujança física um desafio de futebol.

Tardou, talvez, um pouco, esta recuperação que eu tanto procurava, mas era natural que assim sucedesse. Eu desejava voltar à bola! O clube desejava-me!

— Mas também gosta de praticar atletismo? — perguntamos de seguida.

— Muito. Se pudesse e se o futebol o permitisse, praticá-lo-lhe com a mesma regularidade que pratico futebol.

— Porquê, esse prazer pelo atletismo?

— Nem sei bem! Ainda no liceu entrava sempre em corridas e saltos que lá se organizavam. No Benfica ia buscar



ESPIRITO SANTO

ao atletismo uma boa parte do meu treino de jogador de futebol. Notaram essa preferência e reconheceram-me possibilidades de entrar em provas oficiais. Acceidi com satisfação, e em uns torneios disputados nas Caldas da Rainha apresentei-me oficialmente. Continuei.

— E com belos resultados, atalhamos.

— Sim. Não esquecerei que bati o recorde peninsular do salto em altura num torneio oficial com os espanhóis, suplantando o seu campeão Eduardo Pons. O meu salto de 1 metro e 88 foi magnífico.

— Voltará ao atletismo?

— Gostava! Mas o futebol exige uma preparação intensa. Todos os nossos escassos momentos são para ele, o treino, a preparação, o descanso, o cuidado que devemos ter com a nossa vida...

— Qual a sua melhor recordação de jogador de futebol?

— Há tantos pormenores na vida de um jogador de futebol, jamais quando se tem uma carreira, continua e já bem longa como a minha...

Espirito Santo concentra-se. Amavelmente não quer deixar-nos sem resposta.

— Francamente, diz-nos, não tenho casos desagradáveis. Algum menos melhor, pessoalmente, já o esqueci, levo-os à conta de perdas e danos. Mas, talvez não falte à verdade da minha consciência, se classificar como o momento de maior satisfação, aquele jogo que disputamos em Lisboa contra o Futebol

Clube do Porto, numa segunda eliminatória para a taça de Portugal. No Porto tínhamos perdido por 6-1. As possibilidades de classificação eram, portanto, escassas ou nenhuma. Mas no jogo em Lisboa veio ao de cima todo o nosso entusiasmo e o Benfica foi mais uma vez muito grande. Quando o Porto entendeu que devia abandonar o terreno de jogo, já nós ganhávamos por 6-0. E nesse dia iam por ali fora...

— Espera ainda jogar muito tempo?

— Mais duas épocas.

Ante a nossa estranheza por um abandono tão prematuro, Espirito Santo declara-nos:

— Comecei muito cedo! Tenho portanto de acabar mais cedo do que os outros!

— Que opinião tem da crítica?

Fernando Sá

(Continua na pág. 15)



O jogador de futebol é também um grande atleta. Esta atitude de Guilherme Espirito Santo, que vai executar um triplo-salto, consagra um desportista.



Nas lutas entre Benfica e Sporting são sempre aguerridos! Eis Espirito Santo em acção, numa posição modelar no ponto de vista técnico, não conseguindo vencer disputar-lhe a bola em condições de estilo.



Nas ruas de Basileia, contentes da vida, passeiam quatro benfiquenses: Moreira, Espirito Santo, Francisco Ferreira e Joaquim Teixeira. O avançado-centro do Benfica é também um excelente camarada.

João Rebelo ganhou os 100 quilómetros



PARA os delegados dos clubes, os orientadores técnicos das equipas ou até para os corredores que normalmente se conduzem nas provas consoante o desenrolar das mesmas — evitando de prejudicar companheiros de equipa ou dar vantagem a adversários com a sua ajuda — emfim, para todos que pretendem basear-se no que se passa ainda longe da meta para agir ou mandar agir, constitui enigma de difícil solução a maneira como decorreram, a partir da Ericeira, as operações na corrida clássica dos «100 quilómetros» disputada no domingo no difícil circuito Lisboa-Loures-Ericeira-Mafra-Lisboa.

Vencida a «dura» rampa do hospital — três lombos com mais de um quilómetro e uma inclinação superior a doze por cento — ficaram, num primeiro pelotão, Rebelo e Aristides Martins, do Sporting; Driss e Manuel Rocha, da Iluminante; Tulio Pereira do Sangalhos e Carlos Quadros, do Lisgás. Todos os clubes ali representados vitaram naquela selecção, pelo menos teoricamente, vantagens a conservar.

Nas hostes leoninas decerto que se considerou Rebelo capaz de ganhar, esgueirando-se em Carriche, e que Aristides, desde que se pousasse, teria assegurada melhor classificação de que a possível de obter em luta com todos os «sprinters» que se haviam atrasado.

Do «Iluminantes» estavam seguros da eficácia da embalagem final de Driss, que em 1945, era mais rápido que Rebelo, sentindo ainda satisfação por verificarem que Manuel Rocha, livre já da maioria dos homens velozes, seria ainda um bom quarto ou quinto classificado.

O delegado do Lisgás servia-se na estreia auspiciosa de Quadros que, agora sem ter de agir sob a tutela de primeiros planos, logo na primeira saída ficaria entre os seis melhores. E o Sangalhos, intimamente, pensava que, indo Tulio no pelotão da vanguarda, não só justificaria a sua inesperada vitória na prova de abertura, como mostraria ainda que podia fazer mais e melhor.

Todas estas suposições que teoricamente eram lógicas exerceram uma forte influência no espírito dos corredores. E eles agiram consoante esse estado de espírito. Os estradistas da vanguarda — seis a lutarem contra os doze que constituíam o segundo pelotão — procuravam tornar os simples prognósticos numa realidade. Para isso lutaram com um brio inextinguível, sempre combativos, sem nunca regatearem — à excepção de Carlos Quadros sofrendo de caimbras — o seu melhor esforço na feliz fuga iniciada na curva do Morgado dos Leitões.

Por seu turno os homens do segundo pelotão tomaram a solução, de ser ingrato perseguirem companheiros de clube, como facto a que tinham de se submeter e cedo renunciaram a luta.

Desta maneira, João Rebelo e Tulio, autores da fuga; Manuel Rocha e Driss, leais colaboradores dessa fuga; Quadros e Aristides que tiveram a virtude de estarem atentos quando se deu o ataque decisivo, todos esses seis heróis da prova de domingo tiveram comportamento assás meritório.

Por outro lado José Martins, João Lourenço, Eduardo Lopes, Jorge Pereira e Djilali, que não tiveram a intuição de estar presente no momento da fuga principal, foram forçados a fazer figura de comparsas, na companhia de segundos planos, isto numa prova que possuiu real mérito e em que eles bem poderiam desempenhar papel de capital importância.

José Martins e Jorge Pereira poderão ainda justificar um pouco a apatia demonstrada sobretudo a partir de Loures, sítios em que bem poderia «esfrangalhar-se» o segundo pelotão já sem perigo de

(Continua na página 114)

Éis uma das mais movimentadas fases da prova

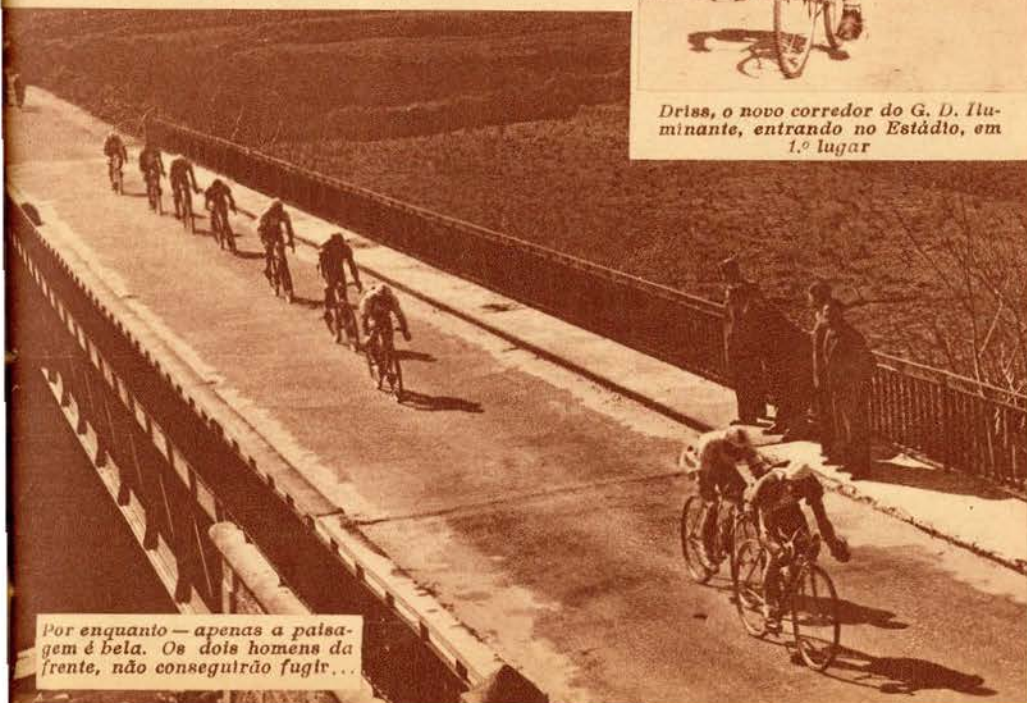


A 2 quilómetros de Mafra...



João Rebelo — o vencedor

Driss, o novo corredor do G. D. Iluminante, entrando no Estádio, em 1.º lugar



Por enquanto — apenas a paisagem é bela. Os dois homens da frente, não conseguirão fugir...

A vida desportiva POR ESSE MUNDO FORA

FUTEBOL

A Taça de Inglaterra

COM a eliminação de quatro importantes clubes na segunda mão dos quartos de final da Taça de Inglaterra, assinalada tragicamente pela morte de 33 espectadores, ficaram em liça apenas o Birmingham City, o Bolton Wanderers, o Derby County e o Charlton.

A mais expressiva vitória conquistou-a o clube da segunda cidade inglesa e famoso centro industrial da Grã-Bretanha, ganhando ao grupo de Bradford por 6 bolas a zero. O que há de mais relevante no onze de Birmingham é a igualdade de valor de todos os seus componentes. Nenhum se evidencia sobre os demais.

Do vencido salientaram-se o amador A. H. Gibbons, interior esquerdo, pelos seus esforços, e os dois médios laterais, preocupados apenas com a defesa, mas pertinazes.

O triunfo do Bolton Wanderers foi algo difícil. O prodigioso jogador do Stoke City, Matthews, fez perigar as redes do Bolton, distribuindo jogo em abundância e realizando aberturas estupendas. Aproveitadas — não todas mas metade — teriam chegado para vencer o adversário de modo concludente.

Baker, ponta esquerda do Stoke, teve o primeiro tento nos pés, mas atirou à trave, enquanto que o Bolton perdeu oportunidade semelhante noutra ocasião.

Empate sem tentos bastou para eliminar o Stoke, que perdera a primeira mão por 2-0.

O Derby City também não conseguiu vencer o Aston Villa. O resultado de 1-1 traduz a fogueira dos jogadores de Villa, mas a vitória anterior do Derby por 4-3 decidiu o pleito.

Os jogadores do Derby formam um conjunto homogêneo, quase perfeito. Nos primeiros minutos as coisas puseram-se feias, ficando a jogar com dez elementos.

A seguir sofreu um tento por descuido do guarda-redes. Tanto bastou para os estimular e a linha dianteira do Derby passou a bombardear a meta de Villa sem descanso. Antes do intervalo já tinham realizado o empate.

A saída de Parker, lesionado, obrigou Villa a trabalhar com dez homens apenas. Os melhores foram Jack Nicholas (defesa) e a parreira de interiores Carter e Doherty, do lado de Derby County. No grupo adversário distinguiram-se Cummings (defesa) e Broome (interior direito).

O Charlton derrotou por 3-1 o Brentford. Tanto o ataque como a defesa do vencedor provaram ser de uma solidez invulgar. Na primeira mão, ganha por 6-3, os avançados estiveram em foco. Agora coube ao trio defensivo quase todo o labor.

Don Welsh voltou a ser a mola real dos vencedores, com os médios Johnson e Oakes no trabalho de destruição.

A primeira mão das meias-finais, cujo sorteio opôs o Bolton ao Charlton e o Derby ao Birmingham, deve realizar-se a 23 do corrente.

O nosso prognóstico é que o Charlton e o Derby terminem vitoriosos das duras provas que enfrentam, encontrando-se em Wembley no dia da final.

BOXE

A Inglaterra vence a França em amadores

REALIZOU-SE em Paris o primeiro encontro internacional de pugilistas amadores franco-britânicos. Uns e outros apresentaram-se em boa forma física e preparados ao máximo; porém, a técnica dos ingleses mostrou-se francamente superior. A maioria dos boxadores franceses empregou golpes balançados e curvos, ao passo que os ingleses preferiram socos directos como preparação das indispensáveis aberturas de «linhas».

Os franceses alcançaram vitórias pontuais nas categorias meio-leves, meio-pesados e pesados. Nas restantes cinco, o domínio britânico foi concludente.

No dia 12 de Maio realiza-se em Paris a desforra deste desafio a «duas-mãos». Serviu de treinador e conselheiro dos franceses o antigo campeão do mundo Marcel Thil.

Ainda Marcel Cerdan

ENCONTRA-SE em Lisboa o conhecido cuidador francês Roupp, que dirige os destinos de Marcel Cerdan. Interrogado, declarou ser muito provável que seu pupilo faça outro combate na capital portuguesa, desta vez contra o campeão da Bélgica, ou da Holanda, ou, ainda, contra um boxador cubano de grande mérito, antigo vencedor de Marcel Thil.

Bruce Woodcock, campeão da Inglaterra, vai aos Estados Unidos

O campeão de Inglaterra dos pesados, Woodcock, apresentado para combater em Nova York contra o vencedor do combate entre Joe Baksi e Tammy Mauriello, declarou estar pronto a partir para o continente americano. Exige, porém, que o nome do adversário lhe seja comunicado, senão prefere permanecer em Inglaterra aguardando oportunidade para lutar contra Freddie Mills, titular dos semi-pesados do Império Britânico.

CICLISMO

O Grande Prémio de Nice

CELEBROU-SE na semana passada a primeira corrida importante do calendário francês. Apesar de se haver registado ausência dos mais notáveis velocipedistas europeus, nomeadamente italianos, belgas e espanhóis, a

NOTA DA SEMANA

O valor do futebol inglês, posto em cheque durante a visita do clube moscovita Dynamo, sofreu possivelmente outro golpe não menos árduo no espírito desconfiado dos espectadores portugueses quando o onze da R. A. F. visitou Lisboa.

No entanto, e apesar dos naipes de inegável categoria que compunham a selecção dos aviadores, é necessário esclarecer o leitor sobre o mérito colectivo dos referidos elementos.

Na Inglaterra, durante a guerra, organizaram-se pelo menos três teams militares, compostos por futebolistas de profissão: a R. A. F., o Services Sports Boards e o Exército.

Este último, a que pertencem jogadores de envergadura de Lawton, Pye, Hancock, Wainright, etc., jamais perdeu um só desafio contra a R. A. F., tendo obtido quatro vitórias e três empates no período em que duraram as hostilidades.

Se os resultados, traduzidos em tentos, correspondem a uma real supremacia dos vencedores, é fácil ajuizar que o onze do Exército Inglês merece ser colado acima do grupo da aviação britânica. Longe de diminuir os primores técnicos exibidos pelos visitantes, que tão boa impressão deixaram entre nós, convem frisar e patenear a gama dos seus insucessos. O último e possivelmente também o derradeiro (porque os componentes estão a desmobilizar e passam à classe civil...) teve lugar em Londres, na quarta-feira.

Mais uma vez o Exército conseguiu derrotar a R. A. F. por 3 bolas a zero, fazendo alarde de uma superioridade grande na arte de rematar.

A R. A. F. apresentou-se desfalcada, sem os interiores Carter e Doherty, mas com Williams, Soo, Franklim, Matthews, Turner, Smith, etc., isto é, a restante «fina-flor».

As possibilidades incomensuráveis do futebol britânico e o seu prestígio podem avaliar-se um pouco meditando sobre a evidente supremacia do onze do Exército sobre o da R. A. F.. E este, conquanto incapaz ou sem vontade de traduzir por meio de pontos o domínio exercido, efectuou uma notável demonstração. Imagine-se, portanto, o que sejam os seus recentes vencedores...

Rafael Barradas

RUGBY

A Irlanda é derrotada pela Gales

CONTINUAM a disputar-se entre as quatro nações das Ilhas Britânicas consecutivos jogos de bola ovoides. Agora, em Cardiff, coração da Gales, o «quinze» irlandês foi vencido por 6 pontos a 4, de maneira pouco convincente.

A primeira metade do jogo teve carácter monótono. Depois, a Irlanda passou a jogar magnificamente, pondo em cheque o dueto Cleaver-Bledwyn Williams. Dominando por um drop-goal contra um ensaio, sofreu outro quando o árbitro, em vez de interromper o avanço da linha dianteira da Gales, deixou passar em claro uma falta.

O comportamento do «quinze» irlandês foi brilhante e esteve em desacordo com o resultado.

Nova vitória dos Kiwis

O grupo do Exército Zelandês, conhecido pelo nome de Kiwis, derrotou em Paris uma selecção francesa por 14 pontos a 9.

Sherratt e Blake marcaram três ensaios e Scott dois goals. Do lado francês houve muito belas combinações, de que resultaram 3 ensaios não transformados.

TÊNIS

Em Espanha distingue-se Massip

EM Valência está-se realizando um campeonato a que concorre o campeão de Espanha Pedro Massip. Na final de pares masculinos, emparelhado com Bruix, venceu Martinez-Trenor, por 6/0 e 6/0. Na prova de pares mistos, acompanhado de Alicia Guri, derrotou o dueto Amparo Dicente-Bacharach por 6/1 e 6/1.

Estão em disputa a 9.ª Taça Faul-Combridge e o 5.º Troféu Falls.

Há resposta

para tudo...

P. 322 — Acha que Alcino, do Vitória de Guimarães, não poderá ainda ser internacional?

P. 323 — Quem será melhor: Alcino, interior esquerdo do Vitória de Guimarães, ou Joaquim, interior-esquerdo do Porto? (De João Aires Teles de Melo, de Guimarães).

R. 322 — Trata-se de um elemento com muitas qualidades. Mas o futuro a Deus pertence!

R. 323 — Não temos seguido com suficiente atenção a actividade dos dois jogadores para nos decidirmos a favor de um ou de outro.

P. 324 — Julinho voltará a jogar pelo Benfica? (De Domingos Baptista, de Vila Real).

R. 324 — Julinho já respondeu por nós...

P. 325 — Não acha que a Madeira poderia dar alguns valores para a selecção nacional? (Um madeirense que vive em Lisboa).

R. 325 — Não temos conhecimento de qualquer jogador madeirense, actualmente, de classe excepcional, isto é, da linhaagem internacional. Parece-nos, por informações que temos, que o futebol se encontra um pouco em crise naquela ilha de encantamento. A razão de tal se verificar deve-se também à falta de contacto com grupos de categoria, nos últimos tempos. Cortar à Madeira o direito de enviar o seu representante, todas as épocas, ao continente, foi uma machadada profunda no futebol das Ilhas. Vai retomar-se a boa orientação este ano. Parece-nos, pelo menos.

P. 326 — Fui a Coimbra para ver jogar o popular jogador do Benfica, Francisco Ferreira, e fiquei desanimado, pois ele não alinhava. Outro assunto: entre Gaspar e Cardoso, quem escolhe como melhor? (De Manuel Antunes, de Agueda).

R. 326 — Temos muita pena de lhe ter sucedido essa fatalidade, mas nada lhe podemos fazer. Cardoso continua como internacional, e isto diz tudo.

P. 327 — Sendo eu grande adepto do futebol, no Norte, do Futebol Clube do Porto, e do Sul, do Belenenses, qual deles tem melhor defesa e avançada?

P. 328 — Araújo é competente para alinhar contra a Espanha?

P. 329 — O mesmo Araújo, do Porto, está agora em boa forma? (De Um Paredense ajeitado pelo Porto, de Paredes).

R. 327 — Quanto ao confronto entre as duas defesas, a do Porto e a do Belenenses, não hesitamos: esta é muito melhor do que aquela. Capela, Vasco e Feliciano apareceram no futebol português para injundir respeito e simpatia... Já no ataque, poderá haver hesitações. Talvez o clube de Lisboa ainda vença esta questão, mas pela diferença de um alfinete.

R. 328 — Porque não? Como vê, já está a treinar.

R. 329 — A forma em que se encontra chega-lhe para se destacar dos outros.

MUNDO da BOLA

por JORNALISTA desconhecido

A BEM DO FUTEBOL

A Federação de Futebol, como as Associações Distritais mais importantes, deviam estabelecer contacto mais estreito, pelo menos, com os jornais de especialidade e os profissionais que mais directamente cultivam o jornalismo desportivo. Seria uma política proveitosa, destinada a produzir certamente os melhores frutos. Nós, que andamos perto dos dirigentes, verificamos o seu trabalho persistente e a maneira dedicada com se entregam à governança, eles, tantas vezes incompreendidos e de actos mal interpretados.

Não quer isto dizer que não discordemos das suas decisões, quando forem de discordar, com a natural vivacidade que costuma animar as nossas palavras. Mas não há dúvida que muitas cenas importantes da vida do futebol, e que mereceriam tornar-se públicas, como exemplo, mesmo, ficam no esquecimento por não chegarem à percepção do jornalista. Por outro lado, tendo de analisar, comentar e julgar através de factos, simples factos, sem se aperceber o que está por detrás do que se passa, ainda como maior realidade, nem sempre estamos absolutamente aptos, não só a bem informar o público, como a orientar a chamada opinião desportiva, duas das nossas mais importantes funções.

Parece-nos que muito haveria a lucrar de lado a lado se, periodicamente, os dirigentes conversassem um pouco com os jornalistas, e estes com aqueles, sobre os assuntos fundamentais do futebol. E a juntar a todas estas razões, está ainda a circunstância de alguns jornalistas serem das pessoas de opinião mais respeitadas no movimento da bola.

Dir-se-á que pretendemos insinuar uma lutela. Nada de isso. Somos todos componentes de um todo, um desporto. Cada um ocupa na organização, à semelhança do que sucede num *team*, um cargo e desempenha uma função. Estes não se chocam uma com a outra, antes se conjugam. E o triunfo da causa depende muito deste interdependência ou ligação. Cada um no seu posto, e todos a bem do futebol.

O treinador da equipa nacional



Augusto Silva foi um grande jogador. Que energia e que técnica!

Foi investido pela Federação Portuguesa, após convite formulado por Tavares da Silva, no cargo de treinador da equipa nacional, Augusto Silva, do Belenenses.

A notícia foi acolhida em todos os sectores desportivos com a mais viva satisfação.

Trata-se de um nome de grande projecção no futebol português, quer como jogador, tendo feito parte do inestimável grupo de Amsterdão, quer como treinador.

Estudioso e espírito de boa observação, Augusto Silva retine, de facto, excepcionais condições para o desempenho de um cargo que não lhe pode ser disputado, seja por quem seja.

Neste momento, já a trabalhar, Augusto Silva está integrado na orientação do seleccionador nacional.

CONTA-GOTAS

A imprensa do vizinho país erque-se em unisono para combater, verdadeiramente alarmada, a onda de jogo violento que cada vez alastra mais em Espanha.

Os clubes vêem-se nas maiores dificuldades, por causa das lesões dos seus titulares, provenientes, a maior parte das vezes, de jogada a que melhor se aplicaria o nome de agressão. Além do mais, o jogo assume, desta maneira, um carácter impróprio, que profundamente afecta o seu valor educativo. Como cá, em outros tempos, requere-se em Espanha o saneamento do futebol!

Há jogadores que são vítimas da existência de outros que estão à sua frente. Ou às vezes de outras circunstâncias. É um pouco o caso de Pacheco Nobre, do Sporting, que só há dias se estreou, esta época, no primeiro grupo, não destoando do conjunto. Lembremo-nos que os clubes precisam de possuir, nos seus quadros, suplentes à altura dos titulares.

Acentua-se cada vez mais a necessidade dos *teams* terem avançados fortes e de bom físico, que perjurem a defesa contrária e suportem o esforço duríssimo destas longas competições, e cada vez se reconhece mais a falta de avançados de semelhante feitio e a abundância de jogadores pe-

quenos e sem força muscular. O facto repercute-se na própria Selecção Nacional!

A Pousada para Desportistas, no âmbito do Estádio Nacional, ideia agitada pelo nosso camarada Tavares da Silva nas colunas do «Mundo Desportivo», está outra vez em foco, verificando-se novamente que se trata de uma necessidade premente, ao escolher-se oportunamente o local para estágio do grupo português. Anda-se de candela acesa na mão, e nada se obriga ao redor...

Passa-se o tempo em danças e contra-danças, e os campos continuam sem relva e nada se faz para modificar um estado de coisas que, ameaçando eternizar-se, prejudica seriamente o futebol. O futebol em campo calvo e duro caiu em desuso em toda a parte do mundo. Continuamos atrasados alguns anos...

Cada vez vai mais gente ao futebol, e podemos afirmar que o jogo atingiu o ponto culminante na vida do país, atraindo pessoas de todas as condições sociais. Uma vez no futebol, às vezes temos dúvidas em separar as pessoas mais cultas das menos cultas, as mais educadas das menos. O jogo domina!

Corre que...

O conhecido jogador do Benfica, Gaspar Pinto, que não quis jogar em Guimarães, estará agora algum tempo sem calçar as botas!

◆ Sempre será o sr. Joaquim Paiva e Silva, do Atlético, que assumirá a presidência da Associação de Futebol de Lisboa, cargo para o qual o Belenenses tinha pretensões.

◆ E' possível que já se não efectue esta época o Congresso da Federação de Futebol. A bem dizer, estamos quase no fim...

◆ A Federação Espanhola ficou de dar uma resposta durante toda esta semana acerca do grande encontro peninsular.

◆ O Sporting está a negociar a vinda a Portugal do Stoke City, o clube do célebre Matthews.

O Vitoria de Setubal ganhou ao Olhanense



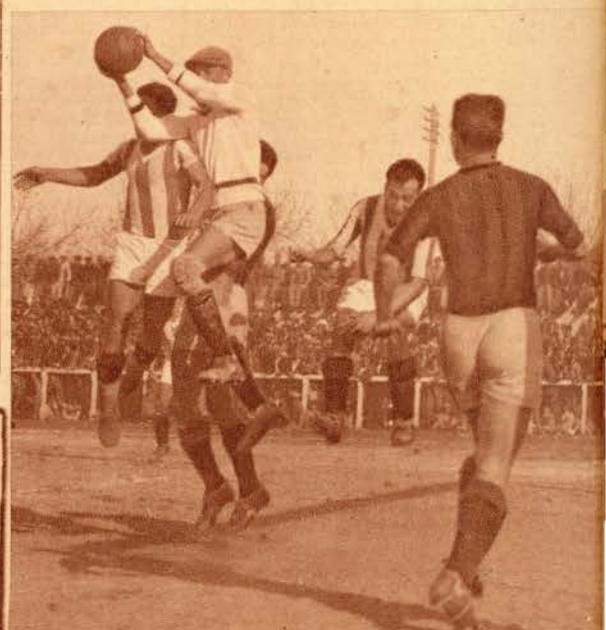
Abraão defenderá o remate de Cardoso Pereira. Mas com dificuldade...



Acácio também teve que fazer. João da Palma e Cabrita obrigaram-no a muita atenção



Abraão, numa bola alta. Os seus colegas observam...



Passos dá que fazer a Abraão. Rendas, entretanto fora o autor do remate

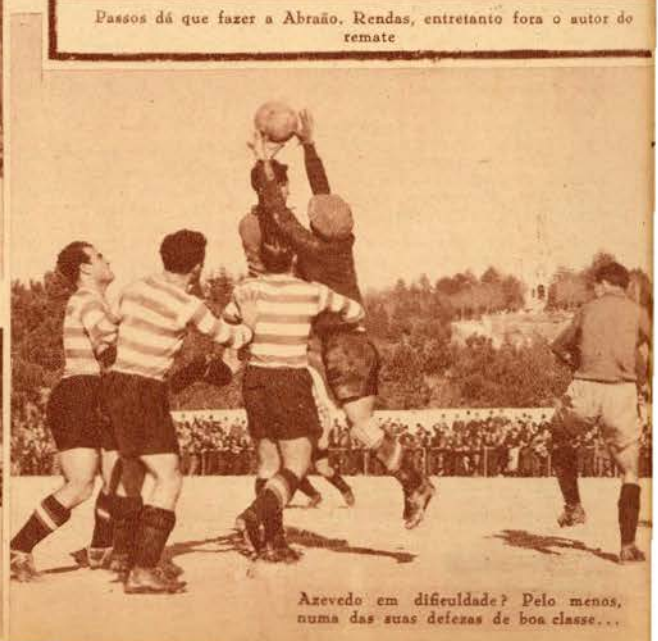
O SPORTING triunfa em Oliveira de Azemeis



O Sporting também teve de se defender. O seu sector da retaguarda trabalhou por vezes com empenho



Outra fase junto da defesa leonina. Manuel Marques, todavia, está sereno...



Azevedo em dificuldade? Pelo menos, numa das suas defesas de boa classe...



Outra boa defesa do guarda-rede escolar, que Mário Reis acompanha. Julinho está no ataque



Nesta bela fase, junto das balizas da Académica, Jacques e Reis estão nitidamente embaraçados

O BENFICA derrotou a ACADEMICA



Espírito Santo, em bom estilo — dominou a defesa académica. Vai rematar...



Uma boa defesa de Jacques, apertado por Espírito Santo



Uma excelente defesa do guarda-rede coimbrão, aos pés do perigoso Rogério



Rosa, que tem defendido as cores do Benfica, regressa a Marrocos. Os seus colegas de equipa, no último jogo que efectuou, em reservas — «pregam-lhe esta partida». Belo exemplo de camaradagem

ANDEBOL

Jornada vazia...

A jornada última nada adiantou ao campeonato regional de andebol; o Sporting e o Desportivo «Cuf» bateram copiosamente adversários que de antemão se sabia não os poderam inquietar; o Belenense e o Benfica não tinham competidores em consequência do abandono do Atlético e da eliminação do Piedense; finalmente, o jogo de mais interesse, Os Treze-Marvilense, não se celebrou porque o primeiro indicado, em cujo campo se disputava o encontro, não cuidava de solicitar policiamento e o árbitro negou-se a desempenhar as suas funções.

Com este novo contratempo — que supomos ser regularmente um bico de obra para a Associação resolver, — ficam já dois encontros em atraso no calendário oficial do campeonato.

Consta-nos que está difícil o acordo entre as duas associações regionais no referente às condições financeiras das organizações; quer o Porto que o organizador pague a deslocação do visitante, prefere Lisboa que o visitante viaje à sua custa, e esta divergência, que parece insignificante, é afinal tão importante que está pondo em risco a viabilidade da interessante competição. Fazemos votos por que tudo se harmonize, pois a dupla luta inter-selecções regionais é, de momento, o maior acontecimento possível na temporada e factor imprescindível de progresso e divulgação da modalidade.

Outro acontecimento de importância a registar é o início, no domingo próximo, do campeonato regional de juniores, que reuniu seis concorrentes e vai ser disputado pela terceira vez.

O Sporting conseguiu dois triunfos brilhantes nas competições anteriores e prepara-se para dar razão àquela afirmação popular que afirma não haver duas sem três.

Seguiremos a prova com o maior carinho, porque a consideramos a melhor garantia para o futuro do andebol lisboeta; para tal é preciso que o campeonato seja rigorosamente a prova demonstrativa de uma escola de andebol e de desportivismo; correcção impecável dos jogadores, rigor compreensivo dos árbitros, influência orientadora dos dirigentes são os predicados mínimos exigíveis para que vamos todos aplaudir os ases de amanhã do andebol de Lisboa.

Salazar Carneira

Ano IV — II Série — N.º 162
Lisboa, 20 de Março de 1946

Stadium
REVISTA DESPORTIVA
Director e Editor DE GUILHERMINO DE MATOS
Chefe de Redacção TAVARES DA SILVA
Propriedade da SOCIEDADE DE RECREIO BARRAS, LDA.
REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Rua, 100, 101, 102, 103, 104, 105 — LISBOA
Estabelecimento de RECREIO BARRAS, LIMITADA — LISBOA

Segunda Divisão

A última jornada era o última para o esclarecimento de posições. Agora, no primeiro domingo livre, começam os jogos de melhor qualidade, entre vencedores de série.

Eis os resultados — o que mais interessa por agora:

Grupo A — Série 1 — União Paços-De-Leizões, 0-5; Sp. Braga-Sp. Fafe, 7-2; Vila Real-Avintes, 13-1.

Série 2 — Candal-Maximimense, 5-2; Ermesinde-Ramaldense, 6-0; Fomalico-Infesta, 9-0.

Série 3 — Gil Vicente-Coimbrões, 4-0; Vianense-Aves, 5-0; Académico-Salgueiros, 2-2.

Série 4 — Ovarense-Vilanovaense, 5-0; Leça-Sp. Espinho, 2-1; União Lamas-Progresso, 6-1.

Grupo B — Série 5 — União Coimbra-Sanjoanense, 3-1; S. L. Viseu-Beira Mar, 6-3.

Série 6 — Naval 1.º de Maio-Marinense, 1-1; Tondela-Lusitânia, 3-3.

Série 7 — Nazarenos-Ferrovilares, 5-0; Op. Vilafranquense, F.

Benfice, 0-2; Alcobaca-Alhandra, 3-7.

Série 8 — Matreia-Mineiros, 2-4; Torreense-Alcanenense, 2-0.

Grupo C — Série 9 — Chelos-Bombarralense, 6-1; Leões Souto-rem-Estorial Praia, 2-3; Cuf Lisboa-União Operária, 18-1.

Série 10 — Ginásio Sul-Seixal, 2-4; S. L. Olivais-Almada, 1-3; Casa Pia A. C.-Mavilense, 4-3.

Série 11 — Operário Lisboa-Palmense, 3-1; Fósforos-Barcelense, 3-2; Monte Caparica-Sacavenense, 3-2.

Série 12 — Unidos Montijo-Cuf Barreiro, 3-0.

Grupo D — Série 13 — Covilhense-Portalegrense, 0-4; Sp. Covilhã-S. L. Castelo Branco, 0-2; Campomaiorense-C. P. Abrantes, 2-0.

Série 14 — União Montemor-Sp. Elvense, 0-1; Juventude-Amora, 3-1.

Série 15 — Piense-Moura, 2-3; Luso Beja-S. L. Évora, 4-1.

Série 16 — Sp. Farense-S. L. Faro, 3-0; Portimonense-Lusitano, 11-0.

HIPISMO

As primeiras «poules» da S. H. P.

COMEÇARAM a disputar-se no passado domingo, no hipódromo do Jockey Club, as «poules» para disputa das Taças «S. H. P.—1946» e «General Afonso Botelho», a primeira reservada a cavalos ainda não premiados e a segunda de inscrição aberta a todos os outros.

Apesar de se tratar das primeiras provas realizadas em Lisboa, a assistência apareceu em grande número, acompanhando com vivo interesse o desenrolar das duas «poules», que reanimaram a avalada número de inscrições.

Para a taça «S. H. P.—1946» o percurso era formado por 12 obstáculos, à altura máxima de 1 m. 10, tendo terminado sem falhas cinco dos treze concorrentes.

«Airosos», com Rangel de Almeida, e «Calpura», com Coelho da Silva, creditaram-se com tempo igual e classificaram-se por esta ordem depois de uma «barragem» sobre sete obstáculos.

O major Herculano de Moura no «Leve» ocupou o terceiro posto da classificação. Há ainda a assinalar as boas provas de «Fazil», com o mesmo cavaleiro, «Blackwood-cross», com Barros e Canha, «Joalheiro», com Trigo de Soosa, e «Marracagens», montado por Joaquim Barreto. Este último viu o seu percurso inutilizado por uma nega no último salto, que lhe fez fugir a vitória.

Para a segunda «poule» inscreveram-se 36 concorrentes e dos nove percursos limpos o mais rápido foi o de «Quer Hoje», com Milho Ferro.

Trigo de Soosa, um dos novos cavaleiros mais em evidência, tirou duas boas provas com o «Eclipse» (2.º) e o «Evelyn» (6.º).

Dignos de menção os percursos de «Sentos», «Zefante», «Bélver», «Optay», «Kirsh» e «Abanão», montados respectivamente por J. Leite, Castro Pereira, A. Spinola, Hélder Martins, J. Beltrão e Vasco Cordeiro.

Nas «poules» deste ano volta a

estar inscrita D. Maria Teresa Ivens Ferraz, que, apesar de penalizada, arrancou fortes aplausos a premiar o seu desembaraço.

Antes Teixeira

PROVAS DA MOCIDADE

COM os encontros da última jornada, o campeonato de futebol da Ala 2 da «Mocidade Portuguesa» entrou na sua fase final. Uma vez apurados os vencedores das respectivas séries, vai começar agora a «galopada» final, de que sairá o campeão. E tudo leva a crer que o entusiasmo recrudescerá, e que o grupo que venha a ostentar o título de campeão de 1946 seja bem digno desse nome.

Entretanto, passemos, de relance, uma vista sobre os jogos da última ronda.

A parte do encontro Colégio Militar-Escola Académica, em que os rapazes da Luz triunfaram por sete bolas sem resposta, todos os outros encontros nos forneceram lutas equilibradas, com evidente nivelamento de forças. Foi, assim, uma jornada em que predominou o equilíbrio. Os próprios números se encarregam de dar, na sua eloquente linguagem, essa síntese da jornada.

O grupo do Liceu de Camões — um dos mais animados encontros do dia — venceu a turma do Liceu de Pedro Naves, por 2-0.

O Colégio Ullisiponense triunfou do elenco da Escola de Paia, pela diferença mínima — 1-0. E o «Académico» saiu vencedor do Centro do Barreiro, por 2-1.

Estão, pois, apurados para disputar a final os seguintes grupos: Liceu de Camões, Colégio Ullisiponense, Colégio «O Académico» e Instituto Saldónio Pais, de entre os quais sairá o campeão da Ala 2.

Abreu Torres

A 9.ª Jornada dos Júniores

SEM ter fornecido quaisquer surpresas, a nona jornada do 10.º Campeonato de Júniores da A. F. L. não deu, também, qualquer indicação sobre qual o concorrente que virá a ser o vencedor da 1.ª e 3.ª séries. Portanto, tal qual se previa, só na última jornada da primeira fase do campeonato — no próximo domingo — se conhecerá em definitivo e completamente o «elenco» dos finalistas.

A nota saliente da nona jornada foi dada pela elevada percentagem de resultados expressivos que se verificaram — circunstância tanto mais digna de anotação, quanto é certo que nas jornadas anteriores poucos desafios haviam registado resultados desvencilados.

Na 1.ª série, as duas equipas que latam ardorosamente pelo segundo lugar (admitindo que o Cascalheira não perca o seu primeiro posto) ganharam folgadamente. Mas os 8-1 do G. D. da C. U. F. ao Fátelo Benfica constituem melhor resultado do que os 9-0 do Sporting A ao Sintrense. Isto porque os «leões» derrotaram um «team» que não dispôs senão de nove jogadores e que, por conseguinte, não pôde dar a réplica de que em condições normais seria capaz.

A C. U. F. só na segunda parte do encontro pôde descansar, pois, antes, os benfiquistas, voluntariosos, ofereceram excelente resistência.

Na 2.ª série — tal como na 1.ª — também as duas equipas que pretendem o segundo lugar da classificação ganharam com nitidez. O Sporting B venceu o Desportivo Operário por 3-0, o que, indubitavelmente, é melhor resultado do que os 4-0 do Palmense ao Tarajense. Um e outro resultados não podem deixar de considerar-se normais, atentas as possibilidades até agora evidenciadas por vencedores e vencidos.

Na 3.ª série, com o «leader» em descanso, os dois encontros tiveram resultados que não deixam pensar em desnível de valores. Todavia, quem tiver assistido ao Benfica (B)-Sacavenense (2-0) não pode ter essa opinião. Os «encarnados» dominaram — e bem —, mas a defesa do Sacavenense portou-se com valentia.

O desfecho da luta entre cheleses e marvilenses ajusta-se bem às possibilidades dum e outro contendores.

Na 4.ª série, o Atlético desfez a igualdade em que se encontrava com o Belenense (B), ganhando por 2-0. Este resultado, justo, foi de grande importância para os alcantarenses, que ainda podem «discutir» o 2.º lugar com o Cascais.

No outro jogo, sem história, o Estoril derrotou o Oeiras por 10-1. Mas o que poderia esperar do primeiro contra o último da série?

D. D.

NEVA... Há já algumas semanas que os flocos brancos do inverno caem em abundância, cobrindo com seu delicado tapete branco os campos, os prados e os bosques, constonando os cidadãos desprovidos de meios de aquecimento, mas enchendo de alegria os amadores de «ski». A infelicidade de uns faz a alegria de outros, diz o provérbio.

Para estes, a neve é a grande distribuidora de alegria; o «ski» é a chave milagrosa da evasão para as planícies brancas, para as descidas vertiginosas pelas encostas das montanhas, ao ar vivo que fustiga o sangue e faz subir às fontes a quente embriaguez da velocidade.

Para os apaixonados da neve, não há obstáculos quando fala a sua paixão. Em vão se levantam diante deles as maiores dificuldades de transporte, de abastecimento de viveres, de equipamento. Ao chamamento imperioso da neve, não importa por que meio, os esquiadores evadem-se, em grupos compactos, todos os fins de semana alcançam as encostas dos Alpes, do Maciço Central ou dos Pirinéus. Depois de um ou dois dias de ar livre, vemo-los carregados com os «skis» e com os sacos tiroleses, parecendo formigas carregadas com pesados fardos, regressar às planícies e às cidades, extenuados, fatigados, felizes.

O «ski» em pleno desenvolvimento

A Federação Francesa de «Ski» acompanhou no seu desenvolvimento o número crescente de praticantes. Recém-nascida antes da guerra, tornou-se em poucos anos uma das mais fortes federações desportivas da França. Desde a libertação, depois de quatro anos de vida ao retardador, que retomou uma maior actividade.

— Contávamos o ano passado 14.000 esquiadores federados, declarou o sr. Deschiens, secretário geral e animador do «ski» em França. Este ano, já contamos mais de 35.000; compreenda que não se trata do número total de praticantes do «ski» em França, que se leva-se a algumas centenas de milhares; falo apenas daqueles que têm o «ski» por um desporto violento e viril, por um desporto de competição, e não por um meio de matar o tempo ou de passeio...

— Montanhese ou cidadão?
— Principalmente cidadãos. Paris conta 3.000 esquiadores fede-

OS DESPORTOS

Os amadores da neve e o «ski»

Um artigo inédito de Pierre Lorme

Um só ensinamento: a escola francesa do «ski»

— E em que sentido se orienta a acção da Federação?

— Primeiro, desenvolver o ensino do «ski», segundo o método francês. Em seguida, preparar os nossos melhores elementos com

purificação pela Direcção dos Desportos do Ministério da Educação Nacional. Melhor: temos a esperança de ver sancionar por disposições oficiais a eliminação de parasitas disfarçados em professores de «ski».

Uma época copiosa, mesmo carregada

— A sua época está carregada?

— Diremos simplesmente: copiosa. Os jovens esquiadores de cujas proezas os «Comités» regionais nos deram nota frequentemente no outono cursos de Educação Física, de que se declararam unanimemente encantados. Estão actualmente em St-Auton, no Tirolo austríaco, em treino. Depois tomarão parte em numerosas competições nacionais ou internacionais.

— Conservará a mesma estrutura na equipa de França?

— Isto é... Para falar francamente, não haverá mais equipa de França. Seleccionaremos os nossos melhores homens antes de cada encontro internacional, como em todos os outros desportos. Mas encontrar-se-ão evidentemente, em primeiro lugar, James Couette, Roger Allais, Francis Buzon, Auguste Masson, os Thiollière, J. P. Mussat, etc....

Emile Allais pensa nos seus negócios...

— E Emile Allais?

— Emile Allais... teremos o desgosto de o vermos este ano afastado das competições.

«Oh! não vá julgar que haja o menor desacordo entre Allais e a Federação; Dedicamos-lhe toda a nossa afeição. Conhecemos os imensos serviços que ele prestou e poderia prestar ainda ao «ski» francês.

«Mas ele próprio nos disse: «Estou na idade da reforma e na idade também de pensar nos meus próprios negócios. Devo ocupar-me dum filme documentário sobre o «ski». Conto também criar e dirigir um grande armazém de artigos de desporto. Necessito da minha liberdade. Concedam-me...»

«Tivemos de nos render. Mas não sem o termos feito prometer solenemente que viria para nós em caso de necessidade.

— Depois de uma carreira tão completa...

— Mesmo depois da sua retirada, prestar-nos-á ainda grandes serviços. Restam os progressos técnicos que ele realizou. Resta a escola francesa que ele criou e aperfeiçoou. Resta-nos, enfim, o seu exemplo, que em todas as ocasiões indicamos aos novos. Não se saberia escolher melhor...

Pierre Lorme

rados. Em quase todos os centros dominam rapazes e raparigas das grandes cidades: Toulouse, Bordéus, para os Pirinéus; Lião, Marselha, Avignon, para os Alpes; St-Etienne, Clermond-Ferrand, para o Maciço Central. E' excelente; além do benefício para a saúde que a juventude das grandes cidades aproveita com isso, encontra ainda a ocasião de se familiarizar com os costumes camponeses e de tomar contacto com a mocidade aldeã.

— Os notéis desses centros estão abertos?

— Quase todos. E, o que é melhor, têm preços às vezes bastante razoáveis. Encontram-se pensões muito decentes a 200 francos por dia. Os hoteleiros compreenderam perfeitamente o seu interesse, que é conservar zelosamente esta clientela jovem e fiel, adaptando os preços aos seus recursos.

— E os equipamentos?

— E, com o transporte, o ponto negro do assunto. Obtivemos com dificuldade o debloqueio de alguns pares de calçado, e é tudo. É notoriamente insuficiente. Mas que quer?... Far-se-á durar o material antigo. Conserta-se o calçado, cosem-se as meias, remendam-se os fatos velhos, passam-se os «skis» com palha de aço, recompõem-se as correias... A gente remedia-se e tira-se de dificuldades. Não pode imaginar de que destreza dão provas os skiadores quando se trata de se equiparem. A sabedoria das nações tem muita razão quando diz: «a necessidade é mãe da invenção...»



vista às grandes competições internacionais.

— Falemos primeiro do ensino do «ski».

— Aqui tem; V. sabe que os nossos grandes esquiadores de antes da guerra, e principalmente Emile Allais, aperfeiçoaram a técnica de ensino chamada «escola francesa». Este método difere da escola de Arlberg, sobretudo pelo desaparecimento do «chasse-neige», pela posição muito «avançada» do esquiador e pela prática das «ruedas». Deu excelentes resultados. É o ensino unificado deste método que os nossos monitores difundem entre os jovens.

Os monitores franceses são formados pela Escola Nacional do «Ski», no Val d'Isère. Prevemos para esta temporada oito estágios de monitores. De momento, 300 estão já em condições de exercer as suas funções.

— Os vossos monitores diplomados têm o monopólio do ensino do «ski»?

— Tem, de facto. Fizemos uma caça encarniçada aos monitores improvisados, mais preocupados em «trabalhar para a galeria» perante as senhoras, do que a fatigar as pernas a dar lição. Fomos poderosamente ajudados nesta de-

CICLISMO

(Continuação da página 1)

alcançar os homens da frente, com os acidentes mecânicos sofridos, que os obrigou a duras perseguições.

Houve de facto acentuado contraste na actuação dos dois grupos de corredores — os do primeiro e os do segundo pelotão. Os da frente gastaram apenas mais 1 m. 43 s. que o melhor tempo feito neste circuito, mas que tinha menos 2 voltas a pista do Estádio. Deviam portanto os quatro primeiros deste ano bater o tempo fixado por Túlio em 1944.

Os homens de segundo pelotão, gastando 3 h. 18 m. 52 s., levaram mais 6 m. 56 s. que Rebelo e quase tanto como Lourenço em 1945.

Assim, se nos foi permitido verificar que os «leões» não são de facto equipa antecipadamente batida, como poderia supor-se dado o número reduzido de elementos, pois no domingo totalizaram com três homens 14 pontos, ao passo que os iluminantes atingiram os 15 pontos, ficamos sem poder analisar como estarão a andar a maioria dos primeiros planos.

Gil Morcira



Um aspecto do novo campo «Marquês de Jacome Correia», construído em Ponta Delgada



O Governador do Distrito, no acto da inauguração

PONTA DELGADA

tem um novo campo de jogos

O dia 27 de Janeiro de 1946 ficou memorável para o futebol micalense: Inaugurou-se naquele dia um novo Campo de Jogos, que passou a ter a denominação de «Marquês de Jacome Correia» — mandado construir por um grande entusiasta dos desportos, o Sr. Albano de Freitas da Silva Oliveira, que quis dotar Ponta Delgada com um campo de jogos que honrasse a cidade.

Foi sem dúvida um grande e nobre exemplo de compreensão. Os clubes de futebol locais passam a lucrar, pois o novo recinto possui balneários para o árbitro e jogadores, camarotes, bancadas superior e inferior e um grande espaço destinado aos peões, o que não acontece com o «Campo Açôres».

À inauguração presidiu o sr. Dr. Mendes Moreira, Governador do Distrito, que procedeu ao corte da fita, marcando o princípio da exploração do novo campo de jogos, que fica situado do lado do Relvão, quase ao centro da cidade e muito acessível a todos os desportistas de S. Miguel.

O rectângulo tem as seguintes dimensões: Comprimento — 100 metros; largura — 51 metros. Mas o sr. Albano de Oliveira conta poder alargar ainda o recinto com mais dez metros.

No dia da inauguração jogaram duas selecções, constituídas por jogadores dos cinco clubes locais, tendo a selecção «Ponta Delgada» vencido a de «S. Miguel» por 4-1.

* * *

Um dos famosos grupos da «Raf», que está na ilha Terceira, visitou S. Miguel, defrontando-se com selecções nos dias 2 e 3 de Janeiro findo, tendo-se registado os seguintes resultados: «Raf», 6-Ponta Delgada, 1; e «Raf», 3-S. Miguel, 1.

Aos encontros assistiram milhares de pessoas, que vibraram de entusiasmo e a exibição dos ingleses foi de molde a merecer os mais justos aplausos tanto dos jogadores como dos dirigentes e do público em geral.

Humberto Duarte Raposo



O Grupo de hand do Desportiva de Alcabete



O conjunto do clube de Futebol «Os Bairristas», do Bombaral. Da esquerda no 1.º plano: Antero, Toninho, Celio, Candido e Godinho. No segundo plano — Armando, Toneca e Vasco. No terceiro — José Barros, director, Batim, Inacio, Amilcar e Fernando Cardoso, treinador



Em Africa, o Sport Lisboa e Huambo, conquistou o campeonato regional de 1946. Eis o grupo: de pé, da esquerda — Vaz Pereira, Monteiro e Vale; Minas, Rodrigues e Aleixo. De joelhos — Godinho, Paulo, Peão, Patalim e Orvaca



Uma fase do jogo Benguela-Huambo. Ataque às redes de Benguela, preparando-se Oliveira para executar uma defesa



A selecção de Benguela, que jogou contra Huambo: Anibal Oliveira, Carlos Pereira, Duarte Cabral, Pina, Cardoso e eng. Pompilio (arbitro). De joelhos — Cachimbinha, Ligé, Diamantino, Levy, Oliveira 2.º e Norberto Franco, antigo jogador do F. C. Porto



Grupo Desportivo dos Bombeiros Voluntários de Lamego. No primeiro plano: — Garcia, Toninho, Costa, Carvalho e Silva; segundo plano: — Manecas, João, Neves, Basílio, Paula e João



1.º «team» do Torreense, campeão do distrito de Leiria, que é assim formado: Celso, Marques, Amilcar, Claudio, Polidoro, Acacio, Raul, José Pedro, Portas 1.º, Portas 2.º e Portas 3.º

O Belenenses venceu no Porto



Armando estava com a balisa à disposição. Por isso marcou o 2.º «goal»!



Boa e arrojada defesa de Mota. Armando é perigoso...



Armando, desta vez, não conseguiu dominar Pina



Mota lança-se, mas a bola passa-lhe por debaixo do corpo. Todavia, não chegará às redes

Boa vitória dos vimaranenses sobre o S. L. ELVAS



Os três jogadores espanhóis que pertencem actualmente ao S. L. Elvas: — Marcelino, Mariano e Joaquim



Um bom ataque de Elvas, os vimaranenses defendem com êxito



Uma defesa de Machado — que não deixou tocar as redes



**GIL
OCULISTA**

FUNDADA EM 1865
Deposítaria das lentes "ZEISS"
Binóculos, Termómetros
Bússolas de marcha, etc.
Aparelhos de Precisão
138, RUA DA PRATA, 140
Telefone 22829 LISBOA

na capital do NORTE

MOSAICOS nortenhos...

CATOLINO, confirmando um «mosaico» publicado no último número, não jogará tão cedo. Possivelmente, na época de 1945/46.

Não se pense, no entanto, que o excelente jogador esteja perdido para o futebol. No ano próximo, certamente, voltará aos nossos campos.

Esta notícia, mesmo, não anula a possibilidade natural de o vermos ainda jogar na época presente.

♦ **TAMBÉM o F. C. do Porto** não poderá contar com Gomes de Costa. Jogará, — segundo os nossos melhores informes — mais um jogo. Devemos lamentar que assim suceda.

♦ **O CASO IMPÉRIO SANTOS** não parece totalmente resolvido. O F. C. do Porto ainda não recebeu qualquer comunicação oficial, e sabemos que reforçará a sua exposição à D. G. dos Desportos.

Império Santos, não há dúvida, começou no F. C. do Porto e saiu para o Solgueiros forçado por pessoa de família. O ano passado, já maior — pretendia voltar ao F. C. do Porto, o que não conseguiu.

Ver-se-á agora. Império Santos está firme — dizem. Mas o mundo dá muitas voltas...

♦ **O BASQUETEBOL** não pôde ter «boas cases» nas primeiras jornadas do campeonato nacional. O jogo Porto-Benfica, realizado pela manhã, não correspondeu ao que dele se esperava. Entretanto, o jogo tinha ambiente...

♦ **O SPORT CLUBE DO PORTO** tem nova gerência, composta por elementos de prestígio, e entre eles o antigo campeão nacional António Sersfield. Por isso irá distinguir-se. O Sport é uma colectividade cheia de brios, distinta, e os desportistas portuenses têm por ela o mais justificada simpatia.

♦ **O BOAVISTA** jogou contra o Sporting, em Lisboa, com um «team» mal constituído, visto faltar-lhe 5 elementos de 1.ª categoria, tais como Serafim, Armando, Gonçalves, Barroso e Vinagre — homens de boas qualidades. Claro que o resultado, péssimo, teve justificação. Mas... seria bom cuidar um pouco mais da organização do grupo!

♦ **HÁ um mês** que o F. C. do Porto respondeu a certo questionário ligado à transferência de Elói Costa Pereira para Lisboa. Há mais de um mês, mesmo. Entretanto, até hoje — a Federação de Atletismo não toma decisões. Sabemos que o F. C. do Porto está preparado para dar novos elementos para o processo...

UM PASSO EM FRENTE?

MAIS um impulso. Aguardavam os dirigentes do F. C. do Porto e também a sua numerosa massa associativa, todos os portuenses, afinal, que o sr. Sub-Secretário das Obras Públicas visitasse os terrenos aonde pensam construir o seu Estádio — e isso aconteceu na última semana.

Não poderá dizer-se já que tudo se arrumou de modo a «resolver em definitivo» o magno problema. O ilustre homem público visitou os terrenos de Costa Cabral, das Antas e da Vilarinha, acompanhado pelos dirigentes do popular clube, do sr. presidente da Câmara e de outras entidades oficiais, e colheu impressões que por certo o levarão a considerar o esplêndido esforço do mais popular agrupamento da capital do Norte.

Julgamos que pouco mais, de oficial, será feito. O sr. Sub-Secretário das Obras Públicas procurou colher informações sobre as possibilidades financeiras do F. C. do Porto — que são bastantes, se o ajudarem convenientemente. Visitou igualmente os campos do Lima e da Constituição, e pôde ver, aqui, ser inadiável a regalia pretendida pelo grande clube do Norte.

Os portuenses ficam agora suspensos da palavra do sr. Sub-Secretário das Obras Públicas. Por certo serão atendidas as necessidades urgentíssimas da massa desportiva do clube azul branco, como de todos os desportistas em geral. O Porto, com um Estádio explorado pela sua principal coe-

tividade, valorizar-se-ia de um modo extraordinário. E bem o merece.

Ha, porém, perturbação grave, inoportuna e imprópria, — perturbação que poderá entrar a marcha das aspirações portuenses. Não se sabe bem porque, escolheu-se má ocasião para insinuar no animo dos ilustres visitantes que o F. C. do Porto não havia ainda escolhido, definitivamente, o local destinado ao seu Estádio.

Ora todos os portuenses sabem que nas várias assembleias gerais do clube se escolheram os terrenos da zona Antas-Costa Cabral. E que, por força de vários casos, todas as atenções se viraram para este lado da cidade.

Aproveitar uma ocasião delicada para estabelecer confusões só redonda em prejuízo da ideia há tantos anos acarinhada pelo velho clube do Norte. A situação, por agora, parece grave. Gravíssima. Os dirigentes do F. C. P. estão dispostos a convocar imediatamente uma assembleia geral, e devem fazê-lo quanto antes. É preciso deixar trabalhar quem denuncia boa vontade, eliminando-se de vez a série infundável de atritos que desorganizam esforços constantes e sérios.

Há pessoas que brincam decididamente com coisas sérias. Bem o sabem os sócios do F. C. do Porto, e por certo vão tomar atitudes definitivas. Aguardemos — que alguma coisa irá passar-se.

Monte Negro Azul

A actuação dos campeões portuenses

DE facto — inferior. Já não pode invocar-se «unicamente» a falta de A, de B ou de C na equipa portuense. A inferioridade, agora, tomou novos aspectos, por certo mais confrangedores, dado que se revela demasiada falta de espírito de luta, por falta de preparação física ou de sangue na guelra.

E assim não vale. Optamos sempre pela presença de elementos que, ao menos, denunciem vontade e propósitos de trabalhar. Sejam amadores ou profissionais, de boa ou de má família... A responsabilidade honrosa de representar o F. C. do Porto não pode ser entregue a quem não saiba ou não possa compreender o papel que lhe está atribuído.

Haja um pouco mais de cuidado. Custa menos ver um grupo inferior — que um outro sem von-

tade, sem se preocupar de qualquer modo com o resultado. Os antigos grupos do F. C. do Porto estavam livres desse mal. Batiam-se bravamente, mesmo que a derrota os esmagasse.

Sabe-se que nem sempre é possível jogar bem. Mas daí ao resto, vai grande distância. O F. C. do Porto possui alguns bons elementos — que fazem tudo para jogar mal. Motivos? Em Lisboa, podemos garantir, graças às nossas informações, se representassem um Benfica ou um Sporting, veriam alguns jogadores como se passavam as coisas, no fim do mês... E por certo que, aos mais rebeldes, aconteceria coisa pior.

Lamentamos ter de dedicar estas palavras ao principal grupo de futebol dos portuenses. Infelizmente — a culpa não nos pertence...

UM ATLETA portuense



Armando é um produto do Boavista. Jogando a avançado centro ou a interior, Armando tem demonstrado excelentes qualidades, reveladas sobretudo na maneira como sabe lançar os seus camaradas de equipa.

É muito novo ainda. Como os seus camaradas de clube, com excepções ligeiras, todos à roda dos 20 anos.

Na capital do Norte, Armando é apontado como um jogador seleccionável para os grupos representativos da A.F.P.

Os técnicos têm optado pelo «amador» Correia Dias, que «preocupa» constantemente por causa dos seus magníficos pés e, vá lá, por ser verdade, pelas suas corridas sempre velozes sobre uma baliza adversária...

O jovem avançado do Boavista, entretanto, convém pela sua admirável adaptação ao jogo, que segue com todos os cuidados. Remate bem. Parece-nos mais avançado-centro que interior, mas neste posto, enquadrado entre bons elementos, não deixa ficar mal os seus numerosos partidários.

Tem ainda muito futuro. Aplicando-se, como é costume seu, poderá guindar-se definitivamente até junto dos melhores valores nacionais. O Boavista F. C., justificadamente, orgulha-se dos seus jogadores, e Armando tem a sua marca. Embora o hajam convidado a ingressar em várias colectividões — Armando continua firme na sua velha agremiação.

Até nisto demonstrar a sua capacidade desportiva.

Armando nem sempre tem podido aparecer no seu grupo de honra, visto sofrer de certa lesão, provocada por um adversário. O conjunto tem sentido bastante a sua ausência, visto que o excelente avançado portuense, além de possuir qualidades como rematador, consegue impor-se como condutor do ataque.

Reaparece muito breve. Possivelmente no próximo domingo, contra o Belenenses. Seja como for, deve dizer-se que a sua presença influir bastante. Armando é uma utilidade.

O Ginásio Clube Português

celebra 71 anos de existência

Uma instituição modelar ao serviço da educação física

O Ginásio Clube Português acaba de completar 71 anos de existência. É, entre as agremiações portuguesas de desporto, uma das mais antigas. Mas é, também, pela valiosa obra realizada, como pelas próprias características da sua actividade, um dos clubes nacionais de mais glorioso passado. Tem merecido, e continua a merecer, o título de benemérito. A sua acção tem, de facto, sido altamente benéfica para sucessivas gerações de sócios e alunos.

O antigo e prestimoso clube baseia o seu labor no ensino e na propagação da ginástica, em todas as modalidades que comporta. O desporto, quando nele se pratica, é complemento natural de preparação física adequada. Trabalha, pois, nas melhores condições. É, por tudo isto, um autêntico instituto de educação física. E tem, assim, despertado francas simpatias e numerosos elogios.

Um novo aniversário não pode, por isso, passar despercebido.

Os primeiros tempos

A fundação do Ginásio C. P. ficou assente numa reunião efectuada em 18 de Janeiro de 1875. Estiveram presentes 25 convidados; e fixaram a jóia e a quota mensal em 1.000 e 500 reis. A data considerada de fundação corresponde à inauguração oficial da primeira sede, num velho palacete, na Carreirinha do Socorro. A figura de mais relevo, fundador do Ginásio e seu orientador nos primeiros anos, foi o falecido professor Luís da Costa Monteiro, um dos pioneiros da educação física em Portugal. A ele deve o Ginásio muito do que tem feito.

O primeiro sarau efectuou-se no próprio ano da fundação. A primeira centena, no número de sócios, veio mais tarde — em 1881. Dois anos depois, registou-se uma dissidência, de que resultou a formação de outro clube, o Clube Ginástico de Lisboa, que se dissolveu em 1888. Voltou, pois, tudo ao ponto de partida...

A mudança do Ginásio para a actual sede data de 1884. Para a construção do pavilhão de ginástica foi preciso emitir obrigações de 10.000 reis. A cooperação da família Xafredo serviu para anular muitas das dificuldades que surgiram. A inauguração não demorou, por isso. Realizou-se no dia 30 de Agosto do mesmo ano.

Um pouco de história

A acção desenvolvida pelo Ginásio Clube Português liga-se a tudo quanto interessava e interessa à propagação e difusão da ginástica e do desporto. Deixou, assim, o seu nome prestigioso vinculado ao ensino, ao estudo e à renovação da ginástica, e à introdução de um número elevado de novas modalidades desportivas.

Figuram neste grupo o futebol, o ciclismo, a natação, o «rugby», o boxe, etc. Em natação, por exemplo, a sua intervenção foi decisiva em mais de um pormenor. Fundou uma escola. Formou um professor. Organizou as primeiras provas. Lançou as bases da respectiva organização federativa. E criou um bom lote de campeões, como João Formosinho.

No campo da propagação e de discussão pública dos problemas de educação física, é de realçar a realização de vários ciclos de conferências de propagação, e de dois congressos nacionais de Educação Física. Coube ainda ao Ginásio publicar o primeiro jornal desportivo da capital, com o título de «Sport», em 1894. A um elemento em destaque no Ginásio coube movimentar o desporto na imprensa diária e da especialidade — Dr. José Pontes.

Do Ginásio saiu, como manifestação de carácter patriótico, a constituição de um batalhão voluntário, por ocasião dos protestos do público português contra o *Ultimatum*, em 1890.

Entre as iniciativas de propagação em prol da ginástica na mocidade, merece registo a criação de cursos de ginástica nos asilos de infância de Lisboa, em 1900.

Alguns nomes

Seria, pois, longa a lista dos notáveis serviços que o Ginásio tem prestado ao País, nos 71 anos da sua existência. Não tentamos, sequer, começá-la. Na sequência de notas sobre o antigo instituto de Educação Física, limitamo-nos, por agora, a apontar alguns nomes brilhantes do seu passado, ao acaso da evocação que deles fazemos.

Vêm primeiro os elementos já falecidos: Luís da Costa Monteiro, o fundador; os professores António Martins, glória da esgrima nacional, e Pedro José de Oliveira; João Possolo, ginasta famoso; comandante Joaquim Costa, director e propagandista, temperadamente excepcional de apóstolo; Alvaro de Lacerda, jornalista brilhantíssimo, o homem que criou em Portugal a natação desportiva; Dr. Jorge Santos; Manuel da Silveira, «recordman» do mundo em três exercícios de pesos e alteres; Francisco Padinha, um hercules morto em plena mocidade; Alberto Macieira, figura de prestígio; Walter Avata, ginasta e professor, professor de natação na primeira escola; João Djalme Bastos, jornalista e dirigente; Abel da Cunha, um dos melhores pugilistas amadores do seu tempo. Passaram também pelo Ginásio, talvez que de tanto episódicamente, Manuel Gustavo Bordoal Pinheiro, filho do grande Bordoal, caricaturista e ceramista como ele, e Henrique Paiva Couceiro.

A série dos antigos sócios que ainda contribuem para a obra do Ginásio é quase interminável. Em primeiro lugar, num posto de

Uma entrevista com Espírito Santo

(Continuação da página 4)

— A crítica sempre me satisfaz absolutamente. Cada um tem a sua forma de criticar e nós temos a obrigação de respeitar o modo de ser do crítico.

— Espero voltar à selecção nacional?

— É um caso que depende exclusivamente do critério do seleccionador, e acho que o cargo está bem entregue e que está bem tudo quanto ele fizer.

— Se fosse seleccionado, que lugar gostaria mais de preencher?

— O de extremo. Prefiro este posto. Hebituei-me a jogar à ponta onde tenho mais facilidade de execução. Não sinto tanto a mercação do adversário e estou menos exposto ao embate que, para mim, é, em geral, prejudicial. Não sou um jogador em força!

— Que nos diz acerca das exhibições magníficas de Rogério?

— Não me surpreendem. Esperava há muito isso mesmo. O que lhe faltava era afoiteza e confiança. Adquiriu agora esses predicados e está na forma que têm visto. Ninguém pode com a vida dele!

— Que pensa do resto do *team*?

— Muito bem. A nossa classificação corresponde ao rendimento que o grupo está a dar, e não me parece ousadia alimentar esperanças. Para mim, o *Benfica continua a ser o melhor do mundo...*

«Individualmente, são todos umes

honra, o almirante Gago Coutinho, ginasta e nadador, que vai desempenhar uma missão de saúde e gratidão do clube por um seu antigo atleta e professor, Xafredo, no Rio de Janeiro. Depois, uma galeria de valores, como Carlos Xafredo, Dr. José Pontes, Dr. César de Melo, internacional e olímpico em luta greco-romana e atleta e jornalista; Carlos Fernandes, exemplo magnífico de dedicação pelo clube, um dos seus historiadores mais esforçados; Filipe Taylor, atleta extraordinário, o único que levantava uma «barra» que ficou célebre; Artur dos Santos, Levy Jenochio, Dario Canas, que lutou, no Coliseu, com o falecido Raku; Francisco Xavier de Araújo, António Cláudio de Oliveira, João Formosinho Sanches Simões, Humberto e António Vieira Caldas, Angelo Mendonça, os Hopffer, pai e filhos, Mário Miranda, Júlio Reprezas, José António Marques, etc.

O passado — e o futuro

O Ginásio, sendo um clube do passado, não é, no entanto, um clube gasto, apenas uma reliquia. Remoça, ano a ano... Tem um poder de adaptação e iniciativa — que é a melhor garantia do seu futuro. Há pouco tempo, fez uma remodelação bastante sensível no quadro dos seus professores e das suas actividades. Trabalha. Movimenta-se. Procura desempenhar melhor a sua função educativa.

Registando, com satisfação, a passagem de mais um aniversário, felicitamos, sinceramente, o Ginásio por tal motivo, e desejamos-lhe as maiores prosperidades.

Mário de Oliveira

jóias de rapazes. Bons amigos. Excelentes camaradas!

— A amizade com o Chico Ferreira?

— Essa é especial, fixíssima. Amizade indestruível!

— Nos outros clubes tem simpatias especiais?

— Sou desportivamente amigo de todos. Admiro muito Azevedo, Feliciano, Araújo, Cebrito, Amaro e José Lopes.

— Que grupos lhe parecem mais difíceis?

— Aparte o Sporting, sempre difícil em qualquer jogo, os clubes quatro primeiros, destacando o Belenense e o Olhanense.

Uma outra pergunta.

— Se o Benfica acabasse, para que clube iria jogar?

— Acabava também. Só sou Benfica.

Espírito Santo, culto e inteligente, permite-nos um pedido:

— Expanda-nos um problema técnico do nosso futebol.

— A dificuldade que temos em nos preparar convenientemente. O futebol requer uma preparação intensa e cuidada em extremo. Ora nós temos que dividir a actividade dos jogos e dos treinos pelo emprego. Por exemplo: quando o treino da manhã está no seu melhor e mais eficaz desenvolvimento, temos que pedir licença ao treinador para nos irmos embora. A hora de entrada no emprego aproxima-se e as obrigações profissionais têm de cumprir-se. Se assim não fosse, não tenho dúvidas em afirmar que o nosso futebol já teria alcançado um nível superior ao futebol de alguns países. Fariamos, por certo, o que de melhor se faz na Europa. A prova de que assim seria está no facto de nós, com a dificuldade de preparação conveniente, não termos feito má figura em frente do futebol das outras nações.

— No orgânico da bola, que aspecto encontra para nos apontar?

— Nós, os jogadores, andamos afastados destes casos. Só uma vez por outra tomamos contacto com esses assuntos, especialmente se nos dizem respeito. No entanto, sempre lhe direi que há um aspecto que deve merecer atenção. Os lugares que nos campos são destinados aos jogadores de futebol. São lugares maus, donde se vê pouco o jogo — que nós somos os mais interessados em ver. Sucede isto, salvo raras excepções, nos jogos internacionais e nos jogos de campeonato.

Mais uma pergunta:

— Quantos *goals* terá feito, Espírito Santo?

— Eis uma coisa de difícil resposta. No princípio da minha carreira fui quase sempre o *goal scorer*. Ainda não me conheci bem, mas depois começaram a *matar* o jogo e cortaram-me as vazas...

— Qual o guarda-redes que acha mais difícil de bater?

— O Azevedo. Tem sido o que me tem perado os meus melhores pontapés.

Despedimo-nos de Espírito Santo, dizendo-lhe que esperávamos em breve ir felicitá-lo por o termos novamente envergar o camisola do grupo nacional. E porque não há-de suceder assim?

Fernando Sá

VARIOS desportos



As equipas de basquete do Belenenses e do F. C. Porto, que há dias efectuaram um belo jogo de campeonato



Numa festa de distribuição de prémios no G. D. de H. Vaultier & C.ª, Raul de Oliveira, nosso prezado camarada, director do «Mundo Desportivo» profere o seu discurso



Um aspecto da assistência ao jantar de confraternização dos basquetistas do Lisboa Ginásio



1



3



4



2

1 — Oliveira e Silva, vencedor do campeonato nacional de juniores, cortando a meta

2 — Uma passagem dos concorrentes, nos terrenos do vale de Jamor

3 — A equipa do Benfica, vencedora do campeonato

1 — Onofre Tavares, seguido de Fernando Moreira, ambos do F. C. Porto, chegam em 1.º lugar nos 100 quilómetros do campeonato do Porto. 2 — As equipas de basquete do Vasco da Gama e do Contimbricense.



Stadium

A Iluminante

A maior organização do Império

em MATERIAL ELÉCTRICO
e
B I C I C L E T A S

LISBOA

Av. Almirante Reis, 6
Largo do Intendente, 11 a 17

PORTO

R. Passos Manuel, 203-A, 203-B e 209

Preço
2,00